RESENHA:
HERMANN, Nadja. **Ética & educação** – Outra sensibilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 175p.

Alteridade, ética e educação segundo *uma* proposta de reabilitação do sensível

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*

Os temas da filosofia da educação ganharam um nicho privilegiado no mercado editorial brasileiro no seio da *Coleção Pensadores & educação*, da Editora Autêntica. Com essa, as contribuições à educação e ao ensino de filosofia de autores como Foucault, Heidegger e Gadamer saíram da "nuvem" criada por editoras que apenas difusamente publicavam a matéria para enfim receber a devida atenção focal. Do mesmo modo que o referido empreendimento, outro igualmente louvável presta serviço parecido. Trata-se da *Coleção Temas & educação*, estampada pelo mesmo selo editorial e que tem títulos publicados sobre as interfaces da educação com a estética, com a antropologia etc. A presente resenha se ocupa de informar sobre um de seus mais recentes lançamentos.

Ética & educação é assinado por Nadja Hermann, pesquisadora da PUC-RS cujo trabalho vem sendo notado por trazer qualificação à filosofia da educação brasileira, na medida em que revela novas potencialidades para esta disciplina outrora limitada aos cursos de licenciatura. No referido livro, a autora contribui para o esclarecimento da questão do outro ao pensar uma ética atenta aos desafios da educação contemporânea. Ocupa-se, portanto, de temas e problemas relativos à alteridade e à pluralidade do mundo atual e de suas demandas por formação.

No livro, a questão do outro se apresenta em seu protagonismo a partir da introdução. Ali, desde cedo, Hermann declara o que seria uma premissa orientadora de seu trabalho: "À pesquisa em filosofia da educação cabe justamente compreender o sentido da educação e sua relação com as questões normativas e éticas e justificar as pretensões de validade de determinadas orientações" (p. 16). A autora seguirá tal pré-compreensão durante todo o livro, mostrando como a mesma se respalda tanto nos filósofos emblemáticos da tradição como nos que, mais recentemente, vêm acrescentando à discussão. Embora o que vemos nesses capítulos sejam reflexões inéditas sobre a relação pedagógica entre a figura do educador e do educando e sobre as complexas relações entre os dois, o leitor que conhece um pouco da trajetória da pesquisadora poderá avaliar o quanto estes estão em sintonia com os saldos de suas investigações anteriores[i].

A preocupação por uma apresentação clara é outro traço característico do trabalho em apreço. É isso que se vê na redação do Capítulo I, intitulado: *O tema do outro – desenredando as questões* (p. 27-62). A autora inicia esta propedêutica com "Etimologia, esclarecimentos conceituais e outras aproximações" (p. 27-38), tópico que evidencia o quanto a ideia de "uno" já subministra a de "alter", mesmo quando esta ainda não constituía questão temática. Em "Breve genealogia sobre o outro" (p. 38-54), vemos uma contextualização do conceito-chave em pauta no âmbito desse percurso genealógico. Nesse, a pesquisadora não apenas perfaz a anunciada genealogia quanto introduz uma questão que dirige parte significativa de sua exposição. A saber: "Como se situa a questão do outro numa perspectiva ética?" (p. 39). É com esta em vista que a autora parte da noção platônica de alma rumo à análise da dialética hegeliana do senhor e do escravo, o que, em nossa modesta opinião, constitui um dos momentos dignos de destaque no livro, especialmente quando a autora, considerando a questão do outro, assevera-nos que:

> Embora a dialética do senhor e do escravo tenha sido proposta como um modelo de reconhecimento do outro, a autoconsciência não é transparente como parece à primeira vista, pois ela vive de uma superação do outro e do estranho que recai numa irresistível negação. A solução [de Hegel] é a superação do outro no universal (p. 46).

Apreciações como essas são seguidas de um primeiro exame do conceito de "diálogo" na hermenêutica filosófica de Gadamer. Com tal hermenêutica, o leitor teria um modelo que melhor acolhe a figura do outro, na medida em que a ideia de um *commercium* entre duas subjetividades hipostasiadas é superada pelo jogo que o diálogo – segundo Gadamer – constitui.

No Capítulo II, *O aparecimento do outro no cenário filosófico moderno* (p. 63-80), Nadja Hermann sustenta que Schopenhauer e Nietzsche seriam pensadores que revelam à filosofia o que há de instintivo, dinâmico e incontrolável em nossa relação com o mundo. Em sua avaliação, seriam também esses dois filósofos que expressariam mais plenamente o estado de ânimo da modernidade. A exposição bem estabelecida acerca desses dois pensadores – elaborada nos subtópicos: "Arthur Schopenhauer: o outro na compaixão" (p. 65-73) e "Friedrich Nietzsche: o corpo como outro" (p. 73-80) – deixa transparecer, especialmente no trato com Nietzsche, o acento hermenêutico da abordagem de nossa autora.

O Capítulo III da obra, *Uma fenomenologia do outro* (p. 81-89), é um tópico que, dado a seu caráter sumário, pode ser considerado atípico se comparado aos demais com maior extensão. Inicialmente, sua proposta é indicar como a pesquisa fenomenológica torna pensável a alteridade e que contribuição diferencial tal método traria ao pensamento. Para tanto, a autora vai a Husserl especialmente às *Meditações cartesianas*, pretendendo mostrar o quanto o corpo, nessa obra de 1931, seria indício de outra consciência na esfera de pertença da nossa própria. Nesse contexto, o fenômeno do corpo do outro seria evidência apodítica da alteridade. Se estreito o recorte temático dessa parte dedicada à fenomenologia, o êxito desse capítulo sumário é garantido pelas reflexões que, se apoiando em Husserl e ajudadas por Waldenfels, indicam que a autora tem plena clareza quanto ao fato de que:

> O universo formal, presente nas idealidades pedagógicas, define padrões de comportamento, características e normas de ação para alunos que deixam escapar aquilo que não se enquadra a essa determinação. [...] O individualismo exacerbado, por sua vez, cria dificuldades de interação, pois o que extrapola o restrito âmbito do eu obstaculiza o reconhecimento do outro; mais que isso, não permite a abertura à experiência (p. 84).

A partir do Capítulo IV, considerações pedagógicas como a acima passarão a ser observadas com mais frequência. É isso que se vê em *O debate sobre o outro na ética contemporânea* (p. 91-119), que busca tornar compreensível como o outro pode ser objeto de consideração e como tal consideração repercute na ação pedagógica. De seu ângulo, a autora tem em vista o fato de em toda concepção pedagógica haver pressupostos éticos atuantes; desse modo, preconceitos ético-tradicionais podem constituir embaraço para a educação contemporânea. Isso por que: "As éticas que exerceram influência no pensamento pedagógico tendem a excluir a ambiguidade, a diferença, aquilo que não se enquadra nas normas, não pondo em evidência a alteridade" (p. 92). Considerando situações concretas da educação, nossa autora problematizará esse tema em dois tópicos: "Habermas: o outro na subjetividade" (p. 92-107) e "Derrida: o outro na desconstrução" (p. 107-119).

A professora Hermann inicia seu Capítulo V reconhecendo que o tema do outro se insere num plano de ambiguidade entre o caráter inapreensível do outro e a necessidade de uma abertura à alteridade. No mesmo tópico, aprecia que teria sido a ruptura com a metafísica da identidade e com as concepções idealistas que tornara possível a consideração do outro enquanto problema; destacando, nesse, a intersubjetividade como um problema de ordem ética. *A abertura ao outro* (p. 121-151), anunciada no título do capítulo, será abordada, portanto, segundo duas "categorias" que viabilizariam o pensamento acerca da alteridade, mas que apenas se dispuseram enquanto tal a partir da mencionada rutura. As ditas categorias: a *estética* e o *diálogo*.

Com a primeira, a autora pretende mostrar como a estética possibilita acesso ao outro. O componente estético permitiria, assim, um trânsito ao reconhecimento da alteridade diferente daquele que recorre tão somente à via cognitiva ou à razão prática. Isso que a autora chamou de uma "reabilitação da estética" tornaria a razão alargada por uma sensibilidade que envolve "[...] emoções, as forças vitais e a liberação da imaginação [...]" (p. 122) e habilitada a um acesso privilegiado ao outro. "A experiência do outro e o desvelamento do outro" (p. 122-143) é tópico que, apoiado nas ideias de Hans-Georg Gadamer, Rüdiger Bubner e Hans-Georg Flickinger, nos traz uma síntese teórica bem estabelecida a respeito do tema. Em "O diálogo e a relevância das condições de subjetividade" (p. 144-151), a segunda categoria referida anteriormente recebe sua tematização. No interior desse, o diálogo, é novamente abordado, dessa vez acentuado em seu caráter de jogo propiciador da abertura para a alteridade.

No *Epílogo* da obra (p. 153-161), vemos formulado de maneira categórica o problema que traduz a preocupação ético-educacional que perpassa todo o plano de exposição de *Ética & educação.* O problema: *Pode a*

educação fazer justiça à singularidade do outro? Um assomo de resposta a este indica que há que se levar em conta a presença do outro a ser educado e que nessa consideração, sempre se arrolam pressupostos éticos. Tais preconceitos, no entanto, apenas se tornam adequados às urgências da educação contemporânea quando revistos em face da observação dos elementos provenientes da interação com o outro e da reciprocidade dessa relação.

Ao fim, recomendamos expressamente que o leitor interessado nos fundamentos filosóficos da educação confira esse ensaio de pensar o diálogo e a experiência estética como aberturas a um acesso ao outro que, afinal, é tão caro à prática pedagógica.

Recebido em 2016-04-24
Publicado em 2016-06-15

* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Doutor em Filosofia formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

[i] Cf. HERMANN, Nadja. **Validade em educação** – Intuições e problemas na recepção de Habermas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.